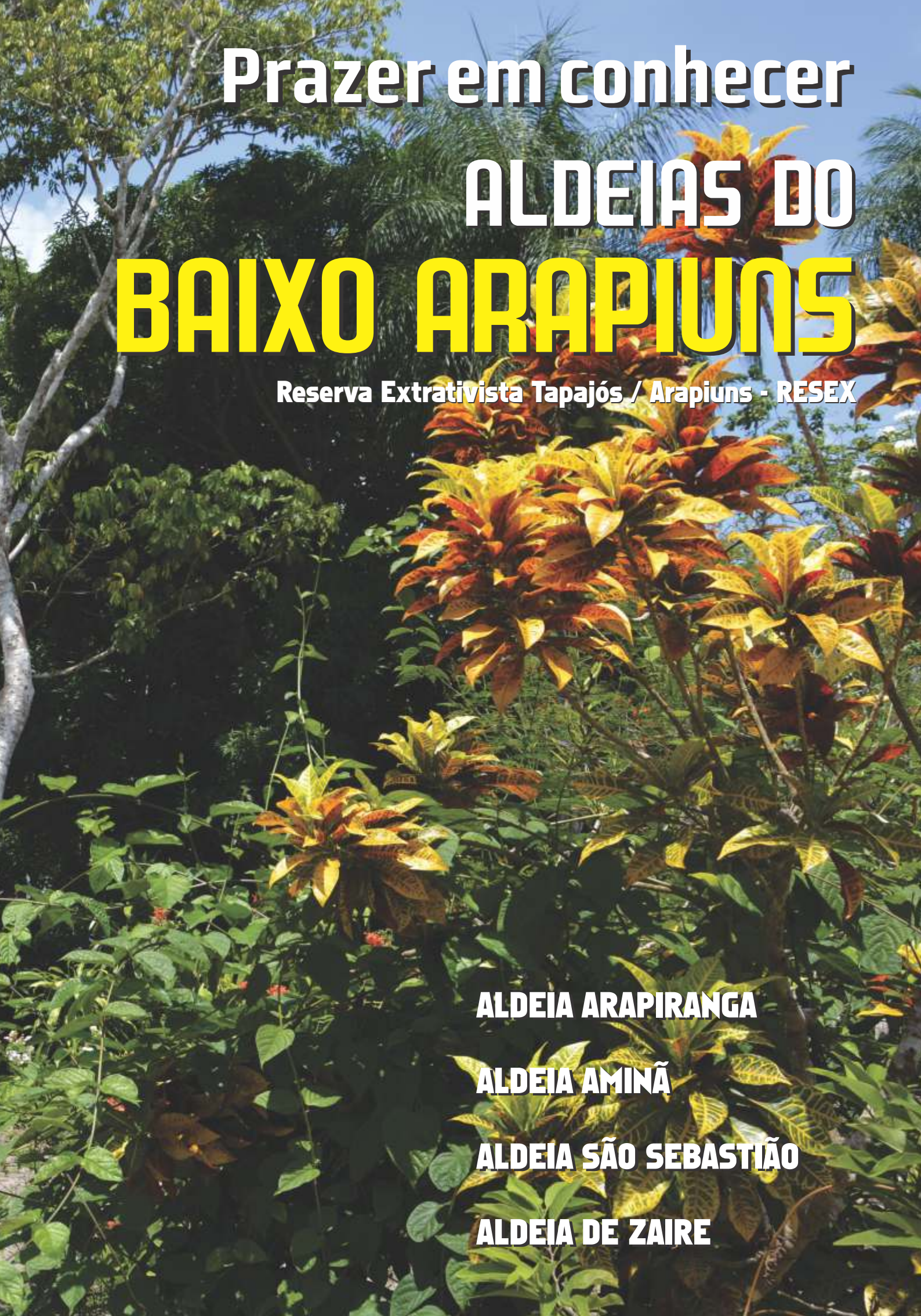




Prazer em conhecer **ALDEIAS DO** **BAIXO ARAPIUNS**

Reserva Extrativista Tapajós / Arapiuns - RESEX

ALDEIA ARAPIRANGA

ALDEIA AMINÃ

ALDEIA SÃO SEBASTIÃO

ALDEIA DE ZAIRE

Realização:



Apoio:



FORDFOUNDATION

Na linha de Frente das Mudanças Sociais

PRA COMEÇO DE CONVERSA 3

OS AUTORES 4

PASSO A PASSO 5

MAPA DA RESEX-TAPAJÓS/ARAPIUNS 6

A RESEX - TAPAJÓS/ARAPIUNS 8

COMUNIDADE VILA DO AMORIM 9

MAPA DA VILA DO AMORIM 10

COMUNIDADE CABECEIRA DO AMORIM 18

MAPA DE CABECEIRA DO AMORIM 19

COMUNIDADE DE ENSEADA DO AMORIM 25

MAPA DE ENSEADA DO AMORIM 26

COMUNIDADE LIMÃOTUBA 32

MAPA DE LIMÃOTUBA 33

COMUNIDADE PAJURÁ 36

MAPA DE PAJURÁ 37

COMUNIDADE CABECEIRA DO UQUENA 41

MAPA DE CABECEIRA DO UQUENA 42

GLOSSÁRIO 50

FICHA TÉCNICA 51

Prazer em Conhecer

ALDEIAS DO BAIXO ARAPIUNS

CEAPS - PROJETO SAÚDE E ALEGRIA

Centro de Estudos Avançados em Promoção Social e Ambiental
Av. Mendonça Furtado, 3979 • Fone 55-93-3067 8000
Santarém, Pará • CEP 68040-050
www.saudeealegria.org.br • www.redemocoronga.org.br
psa@saudeealegria.org

Santarém - Pará - Brasil / 2014



Pra começo de conversa

Respaldar as Unidades Territoriais ocupadas por comunidades tradicionais é um dos principais objetivos das atividades do Projeto Saúde e Alegria na região amazônica. Entendendo o território como espaço marcado, não apenas pelas dimensões geográficas, mas também pelas relações humanas, econômicas e culturais. O reconhecimento e a apropriação popular dos territórios em que se vive é um dos passos fundamentais para o exercício da cidadania.

Geralmente, há pouca informação em linguagem simples disponível para uso público, sobre a realidade das comunidades que vivem em Unidades de Conservação, assentamentos, florestas. O conhecimento que está na “memória popular” das comunidades que habitam esses territórios precisa ser valorizado e sistematizado para ajudar na compreensão das formas de viver a vida na floresta, com seus atrativos, potenciais e desafios.

Por isso, no intuito de obter uma visão do conjunto da realidade territorial local, o Projeto Saúde e Alegria, em parceria com a Fundação Konrad Adenauer e demais parceiros realizam um trabalho de documentação e divulgação denominado **“PRAZER EM CONHECER”**.

Trata-se de uma coleção de cartilhas que retratam as comunidades da maior Unidade de Conservação de uso sustentável do município de Santarém: a Reserva Extrativista Tapajós/Arapiuns - RESEX. A proposta é a ampliação do conhecimento sobre a floresta e seus moradores, contribuindo para o exercício da cidadania e o aprimoramento da capacidade de gestão das populações tradicionais sobre seus recursos, estimulando o seu desenvolvimento de forma sustentável.

Esta cartilha mostra um dos pólos do Rio Arapiuns, um afluente da margem esquerda do rio Tapajós, compondo a coleção (almanaque). Trata-se de uma região tradicionalmente ocupada por populações de descendência indígena, que ao longo do tempo se misturaram com migrantes e colonos de diferentes origens e hoje vivem em comunidades, que em boa parte se formaram a partir das antigas vilas de missões religiosas e aldeias indígenas. Esta publicação elaborada a partir de informações coletadas em processos de mapeamento socioambiental participativo é um retrato atual da realidade contada pelos próprios moradores da região.



Os autores

A autoria deste trabalho deve ser atribuída, principalmente, aos comunitários, que reunidos se dedicaram com esmero a contar a sua própria história, uma cartografia da memória desses povos, uma vez que informações sobre as comunidades são escassas, e por isso torna-se fundamental a documentação destes relatos.

Sendo assim, este trabalho contou com a participação de um povo dotado de riqueza cultural peculiar, em que homens, mulheres, crianças, jovens e adultos foram convidados a colaborar, respeitando o preceito de que todos são professores e alunos ao mesmo tempo.

Esta publicação é resultado de uma fotografia da comunidade feita em novembro de 2014, realizada com metodologia própria, criada a partir dos encontros e visitas às comunidades, somadas à experiência do mapeamento cartográfico participativo socioambiental. Estiveram presentes no levantamento os comunitários que estão na lista de presença ao final apresentada, com o objetivo de levantar informações para construir coletivamente a cartilha “Prazer em Conhecer”.

“Antigamente, quando não havia escola, todos ensinavam, aprendiam, trabalhavam e se amavam, enfim, uma comunidade de aprendizagem livre, honesta, ética e, acima de tudo, cidadã.”

Essa maneira coletiva de produção documental foi escolhida para garantir a sistematização de conhecimentos que se embasam na oralidade e valorizam as riquezas do patrimônio material, cultural e do imaginário dos povos tradicionais da floresta, com vistas à sua disseminação junto às escolas, movimentos sociais e ambientais e para quem, de modo geral, se preocupa com esse povo.

Os dados gerais e socioeconômicos foram inseridos para enriquecer o conhecimento e fornecer indicadores quantitativos para futuros diagnósticos. Este é, portanto, mais um instrumento para mostrar que “debaixo da floresta da gente tem gente”, e gente que luta pela floresta em pé.

“O mundo não é, o mundo está sendo”.
(Paulo Freire)

Passo a passo

O processo de mapeamento participativo ao mesmo tempo utiliza a “memória” da comunidade como principal matéria prima, como também associa técnicas de cartografia para que o conhecimento dos comunitários sobre seu território possa se tornar também um conhecimento sistematizado. Muitas vezes, os mapas cartográficos participativos oferecem uma contraposição à visão oficial de muitas organizações sobre determinado território. Ao trabalharmos baseados no conhecimento que as populações têm de suas comunidades, corremos um risco menor de cometer equívocos de observação e diagnósticos da realidade local.

Nas visitas da nossa equipe à comunidade, complementamos, revisamos e validamos os mapas e as informações. Para essa abordagem, utilizamos o método ANDRAGÓGICO, que valoriza as experiências e os conhecimentos anteriores sobre os temas tratados, realiza análise conjunta dos conteúdos, verificando qual a representação que o grupo tem do cotidiano, propiciando à oportunidade de se falar a “mesma língua”, para assim, chegar a se construir um novo conhecimento. Trata-se de um processo feito a partir da troca de experiências, com a contribuição de diversos atores do ELENCO SOCIAL envolvido, e da interação entre eles. Podemos comparar o caminho percorrido a uma lâmpada, inicialmente apagada, e que é acesa pela energia dos participantes.

Visando esse processo de sistematização e produção de conhecimento, foram realizadas oficinas, divididas em três momentos, descritos abaixo:



SÍNCRESE-A “Ideia”, no início da oficina. Cada participante tem sua ideia sobre o que acontecerá e sobre o assunto a ser discutido: uma lâmpada.

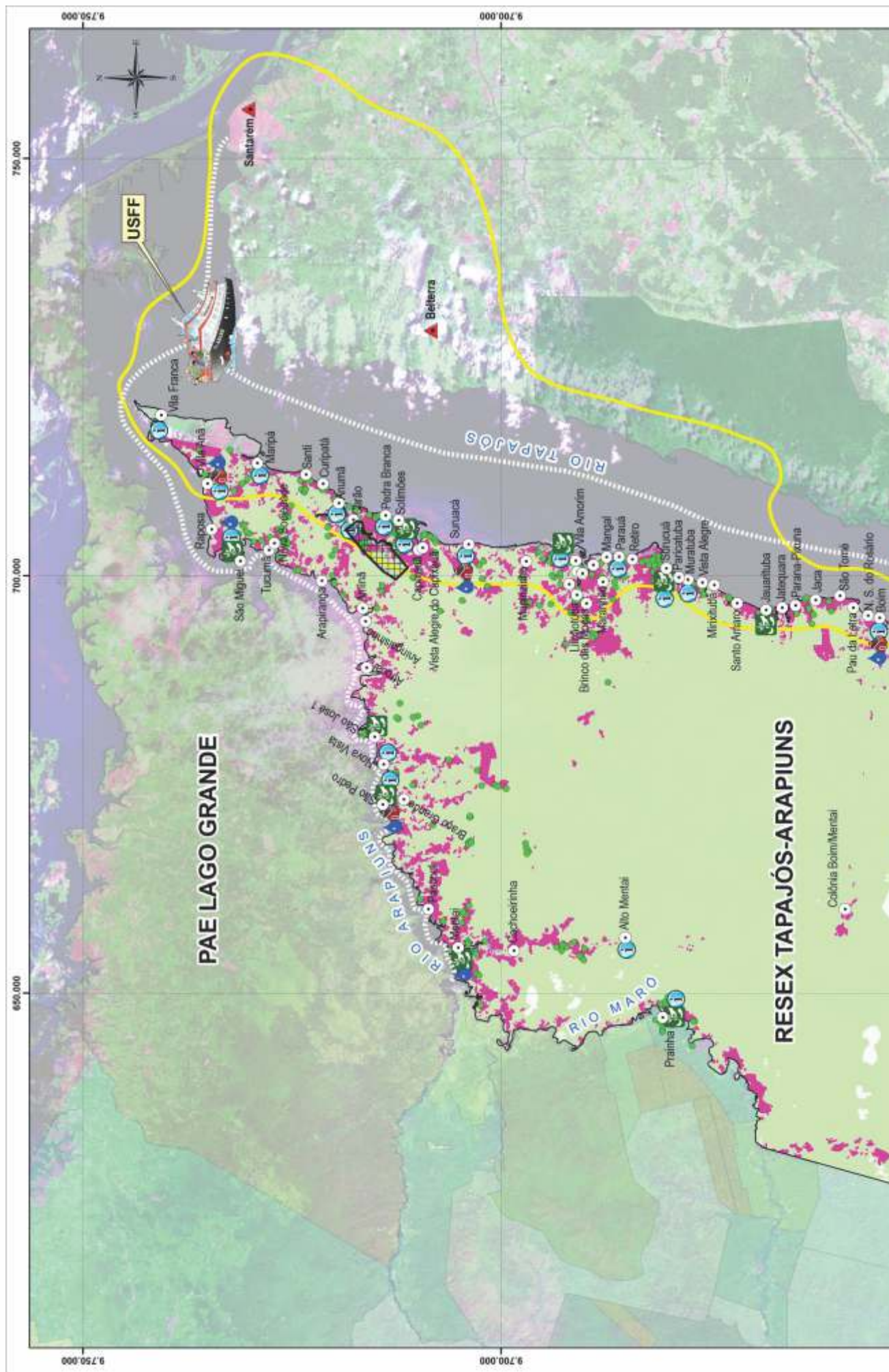


ANÁLISE- “Trocando em Miúdos”. Durante a oficina todo o grupo participa de discussões e contribui com suas experiências e conhecimentos, para que a ideia inicial seja analisada: a lâmpada desmontada.



SÍNTESE - A troca de experiência permite a construção do novo conceito tornando a ideia inicial mais clara: a “Lâmpada É Remontada”. Nesse momento aparece acesa pela energia criativa e participante do grupo.

RESEX-Tapajós/Arapiuns





Legenda

- Sede municipal
- Comunidades da RESEX Tapajós-Arapiuns
- Viveiros
- Telecentros
- Escolas-piloto
- Água encanada
- Plantios agroflorestais
- Área de cobertura 3G/ Pólos 3G
- Área do Centro de Formação Tecnológica
- Rota dos barcos Abaré 1 e 2

Legenda - Classificação da RESEX Tapajós-Arapiuns

	ÁREA (ha)	%
Floresta	600.577	90,62
Desflorestamento	47.703	7,20
Nuvem	13.387	2,02
Não floresta	841	0,13
Resíduo	251	0,04
	662.739	100,00

A RESEX-Tapajós/Arapiuns

As comunidades que compõem esta publicação formam um dos pólos da Reserva Extrativista (Resex) Tapajós-Arapiuns, esta que é uma unidade de conservação de uso sustentável, situada entre a margem esquerda do rio Tapajós e a margem direita do Rio Arapiuns, numa área total de 647.610,74 hectares. A Resex abrange 74 comunidades localizadas nos municípios de Santarém e Aveiro.

Criada em 1998, a Resex foi resultado de anos de luta da população da região contra madeireiros que exploravam de forma inconsequente os abundantes recursos florestais dessas localidades. A partir daí, os moradores das regiões do rio Arapiuns e rio Tapajós se unificaram com objetivo de impedir o avanço das empresas madeireiras.

Surgiu então o Grupo de Trabalho da Reserva Extrativista Tapajós/Arapiuns (GT Resex) composto por ONG's, Associações Comunitárias e entidades de base. Em novembro de 1997, uma grande assembleia na Comunidade de Tucumatu-ba resultou em um abaixo-assinado organizado pelos moradores, no qual solicitaram ao Ibama a criação da Reserva Extrativista.

Em seguida foi criada a Organização das Associações dos Moradores da Reserva, denominada associação TAPAJOARA, que reúne todas as organizações e associações da Reserva e representa legalmente, perante a sociedade e o governo, os interesses dos mais de 18 mil moradores da Resex.

Hoje a reserva é uma unidade de conservação utilizada pelos moradores para o extrativismo vegetal, agricultura familiar e criação de animais de pequeno porte, de maneira sustentável financeira e ambientalmente.

A Resex é gerida por um Conselho Deliberativo constituído por representantes de órgãos públicos, organizações da sociedade civil e comunidades tradicionais residentes na área. Seus principais objetivos são proteger os meios de vida e a cultura dessa população, e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade, visando uma melhor relação entre o homem e natureza.





Uma história de luta popular

*** Trecho de reportagem especial de Fábio Pena, desenvolvida durante o curso de jornalismo científico da UFOPA, sobre a Resex Tapajós-Arapiuns**

Este texto a seguir, extraído da reportagem especial do jornalista Fábio Pena, exemplifica a forte conexão sociocultural e ambiental das comunidades do Rio Arapiuns com as lutas sociais históricas do povo. Não apenas da região onde hoje se localizam as comunidades que participam desta publicação, que se auto afirmam indígenas, mas de praticamente toda a Resex Tapajós-Arapiuns, demonstrando os fortes laços entre passado, presente e futuro destas localidades como Arapiranga, São Sebastião, Aminã e Zaire.

“O sangue cabano ainda corre nas nossas veias”. É assim que Dona Maria das Neves, ou simplesmente Dona Neves, como gosta de ser chamada, 62 anos, começa a explicar a história da luta pela criação da Resex. Ela é moradora da comunidade Arapiranga, na margem direita do Rio Arapiuns.

“Meus avós eram de Cuipiranga, e se refugiaram para cá no fim da guerra da cabanagem. Minha família vem desde esse tempo, da história de um povo lutador, um povo guerreiro, que naquele tempo era oprimido, mas lutou por uma terra, com direito de entrar e de sair. Meus antepassados eram aldeados, uma mistura dos Araras com outros povos indígenas e negros que se juntaram em Cuipiranga pra resistir à opressão dos portugueses”, explica em voz ativa a senhora que guarda na memória a história de muitas lutas populares.

A comunidade de Cuipiranga fica do outro lado do Rio Arapiuns. É identificada como um dos principais pólos de resistência de uma importante revolução popular da Amazônia, a Cabanagem, que ocorreu entre as décadas de 1930 a 1940, quando o povo indígena, negro e mestiço se rebelou contra as péssimas condições de vida a que estavam submetidos. Nesse local, os guerreiros mestiços teriam tido seu momento de glória na bem organizada resistência que instalaram contra as forças militares do Império brasileiro.

Embora quase esquecida pelas atuais gerações, a Cabanagem ainda aparece, mesmo que fragmentada, na memória das lideranças mais velhas da região. O depoimento de Dona Neves coincide com estudos que vêm sendo feitos na região, como o da antropóloga Edvigesloris. Em artigo publicado em

2008 na Revista ILHA da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Ioris afirma que “a massiva participação daquela população indígena recém-saída das políticas coloniais tornou-a alvo central das forças de combate e da repressão que se seguiu, cujas ações fizeram perecer larga parcela desses indígenas e causaram intensos movimentos de fugas”. Para ela “tais efeitos foram observados pelo naturalista inglês H. Bates ainda na década de 1850, quando visitou Santarém e registrou que a Cabanagem teria causado uma diminuição de 30% da sua população”.

O rastro daquele período de coragem e de sofrimento para os povos do Vale do Rio Tapajós ainda permanece e pode explicar outros fenômenos sociais da atualidade. As lembranças de Dona Neves remetem a esta outra história de mobilização popular, bem menos radical, mas com grande relevância para um povo que carrega todo esse histórico de lutas: a criação da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns.

Foi no final da década de 80 e começo de 90 que começa outro embate, em outro lado do Rio Arapiuns, onde a família de Dona Neves recomeçou a vida, após fugir de Cuipiranga com a Cabanagem. O povo que vive no território entre os rios Tapajós e seu afluente Arapiuns, começava a se reunir por conta própria, quase que sem qualquer apoio institucional. Buscavam uma solução ao que consideravam uma nova ameaça: a presença de empresas madeireiras no centro da área que ocupam tradicionalmente.





A preocupação dos moradores era clara: a exploração que avançava sobre a floresta, ia prejudicar a vida das comunidades dependentes dos recursos que a floresta oferecia para sobreviver. Mas a mesma clareza não tinham sobre o que poderiam fazer para evitar que o problema continuasse. Mas entendiam que, sem luta e organização popular, ficariam vendo suas riquezas irem embora, como as balsas que descem rio abaixo levando a madeira da região.

“As madeireiras estavam explorando toda a madeira aí no centro entre São Pedro e Vila Franca. E quem ia ficar prejudicado? Éramos nós que depois não teríamos mais a floresta. A gente sabe que a floresta é o pulmão da Amazônia. Estamos falando também da própria vida da gente. De repente, se a gente não lutasse pra ter essa floresta em pé, a gente também não teria vida. A gente veria a fome e a necessidade chegando”, argumenta Dona Neves.

Começava então mais uma mobilização popular num cenário social parecido com o que ocorria em outras partes da Amazônia. O avanço da fronteira econômica sobre territórios tradicionalmente ocupados por populações tradicionais.

Os moradores daqui tomavam conhecimento da luta de Chico Mendes com a realização dos chamados “empates” no Estado do Acre, para defender o território dos seringueiros. As notícias de lá chegavam por meio dos movimentos sociais, e tiveram repercussão ampliada com a morte de Chico Mendes. Estas novidades soavam para o povo do Tapajós e Arapiuns como uma inspiração para lutar por suas terras. Ao mesmo tempo, organizações locais começaram a tomar conhecimento do problema e a dar apoio a essa luta. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém (STR) organizou diversos encontros com as comunidades para buscar soluções. Além do STR, outras organizações somaram esforços no apoio às comunidades. Surgiu, então, o Grupo de Trabalho da Resex Tapajós/Arapiuns (GT Resex), composto por ONGs, Associações Comunitárias e entidades de base como o Conselho Nacional dos Seringueiros, o Projeto Saúde & Alegria e o Centro de Apoio a Projetos Comunitários – CEAPAC.

“A gente participava das reuniões do sindicato e fizemos um manifesto. A primeira reunião, nós fizemos na Cachoeira do Maró, para juntar as comunidades do Tapajós e Arapiuns. Porque o povo do Tapajós lutava pra lá, e nós do Arapiuns lutávamos para cá. Achamos que deveríamos fazer várias assembleias, para as lideranças se conhecerem e ver o que poderíamos fazer juntos. Se era marcar um pedaço de terra, ou se era a lutar por um território maior, que no caso veio a ser a Resex”, relembra Dona Neves.

Mas o processo não foi simples. Os comunitários enfrentavam a influência do poder político local, em geral comprometido com os interesses das empresas em continuar explorando o território. No começo os moradores não sabiam, mas estava em curso um grande projeto que queria transformar o Vale do Rio Tapajós em um pólo industrial madeireiro para exportação do produto em escala mundial.

O plano vinha a reboque dos incentivos dados pelos Governos Militares na década de 70 no âmbito do projeto geopolítico para expansão das fronteiras econômicas na Amazônia. A antropóloga Edivigesloris explica em seu artigo que “o governo federal promoveu um vasto inventário dos recursos florestais na Amazônia, através do Projeto de Desenvolvimento e Pesquisa Florestal (PRODEPEF), coordenado pelo extinto Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF)”. Informa ainda que “os principais objetivos do PRODEPEF eram fortalecer técnica e institucionalmente o IBDF e estabelecer uma base de dados sobre os recursos florestais para dar suporte ao projeto de modernização da indústria florestal, especialmente a produção madeireira”.





O plano havia avançado na margem direita do Rio Tapajós, com a criação em 1974 da Floresta Nacional do Tapajós (Flona), com área aproximada de 600 mil hectares, destinada a estudos florestais e à exploração madeireira, conduzida pelo hoje extinto IBDF. Alguns anos depois os moradores da área da Flona entraram em conflito com o IBDF pela questão fundiária. Eles teriam seu território limitado e corriam risco de saírem de suas terras, em função das áreas que seriam destinadas à exploração madeireira.

Enquanto isso, os moradores da outra margem do rio começaram a pensar que o mesmo poderia acontecer na sua área. A preocupação aumentava, porque circulavam informações nas comunidades de que as madeireiras, que estavam instaladas onde hoje é a Resex, tinham aval do governo para explorar o território, como no caso da Flona.

O estudo de Edvigisloris diz que as duas empresas que se instalaram na região, a Amazonex Exportadora Ltda e a Santa Isabel Agroflorestal Ltda, “[...] tinham a pretensão de ocupar a margem esquerda do Tapajós numa extensão de cerca de 60 km de frente, de Cametá, no município de Aveiro, até o rio Arapiuns, em Santarém, por 100 km de fundo...”.

Sobre a forma como as empresas se instalavam no território, loris afirma que “as empresas não usavam de violência aberta, mas da desinformação, da ocupação silenciosa, das promessas de progresso e empregos, e da autoridade do INCRA”.

“Soubemos que as empresas já tinham até documentos deles na área. Aí o povo ficou preocupado se essa terra poderia até ser vendida” afirma o Sr. Modesto Ferreira Amaral, 42 anos, de Arapiranga.

Com a preocupação e a dificuldade de acesso às informações, durante assembleias, lideranças comunitárias decidiram delimitar o território de suas comunidades, pra evitar um avanço maior das empresas. Assim poderiam explorar somente acima de 13,4 quilômetros além da margem do rio. Mas os acordos eram difíceis e não raras vezes foram desrespeitados, gerando muitos conflitos.

Com o aumento da visibilidade das questões ambientais, a Amazônia esteve em evidência. O Brasil estava sediando a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio 92. A agenda de defesa ambiental passou também a incorporar os direitos territoriais das populações tradicionais. O movimento iniciado por Chico Mendes no Acre ganhou força através da criação de uma outra modalidade de Unidade de Conservação, as Reservas Extrativistas. Isso favoreceu a luta das comunidades locais.

Em novembro de 1997, numa grande assembleia na Comunidade de Tucumatuba, por meio de um abaixo-assinado, os moradores solicitaram ao Ibama a criação da Reserva. Já em 1998, conseguiram a criação e a consequente retirada das madeireiras do seu território. Embora tenham se favorecido deste momento efervescente dos debates socioambientais, é inegável que a mobilização das comunidades foi um fator decisivo, pois do contrário, ficariam à mercê apenas das decisões governamentais.

A apropriação popular dessa conquista está muito presente nos discursos dos comunitários, especialmente das lideranças mais velhas. “Fomos nós que criamos essa reserva, e fizemos a lei que foi aprovada. Não foi ninguém que veio lá de fora dizer que era bom. Nós sentamos, debatemos muito, e chegamos ao ponto que era melhor pra nós” afirma Francisco Regis da Silva, 54 anos, da comunidade Nova Sociedade.



Aldeia Arapiranga

Localização

A Aldeia Arapiranga está localizada na região do baixo rio Arapiuns, em sua margem direita, entre a Aldeia do Zaire e São Sebastião, nas seguintes coordenadas geográficas: S $-02^{\circ}31'04,6''$ W $-55^{\circ}12'23,7''$

POPULAÇÃO

Na Aldeia de Arapiranga vivem 29 famílias, um total de 142 pessoas. A maioria das casas dos moradores é de alvenaria, construídas com apoio do programa de financiamento habitacional do INCRA.







Um pouco de nossa história

A história mais recente da fundação de Arapiranga data de 1 de fevereiro de 1984, quando as seguintes pessoas se reuniram para fundar a comunidade: Antônio Alves, Luiz dos Santos, Geraldo Pinto, Raimundo Coelho, Raimundo Barroso, Arnaldo Sousa, Agostinho Ferreira, José Amaral e Dona Saturnina Barroso Pereira, conhecida como Noca.

Uma das motivações para a criação de Arapiranga foi a necessidade de lutar pela construção de uma escola. Os moradores escolheram o senhor José Froes Amaral para representar a comunidade junto às autoridades da época, e solicitar a criação do educandário que atendesse a população local.

A primeira professora lecionava na residência de dona Saturnina Pereira Barroso, se tratava de Nelma Raimunda de Sousa Amaral, nora da anfitriã, que começou a ministrar aulas no dia 6 de junho de 1984. Foi ela quem deu a ideia para o nome da escola, Santa Cruz.

Depois de um ano foi feito um barracão, com recursos da própria comunidade, construído em 1985, a construção ficava numa cabeceira onde hoje é a casa de Dona Maria das Neves. Este servia também como a igreja católica da comunidade. Os primeiros catequistas a desenvolverem trabalhos religiosos ali foram Arnaldo Ferreira, Rosilda dos Santos Guimarães e Regina Barroso Pereira.

No dia 24 de outubro de 1985 foi celebrada a primeira missa, ministrada pelo padre Francisco, mais conhecido como Chico, momento no qual também foi celebrada a primeira eucaristia e um casamento.

Outra estrutura importante para a comunidade foi a construção de um segundo barracão, onde hoje se localiza o centro da aldeia. Lá o segundo professor da comunidade Arnaldo Sousa Ferreira começou a lecionar, ele trabalhou na comunidade até 2009. Em 2010 passou a ser a professora Lucineide de Sousa Carvalho.





Datas importantes da comunidade:

Dia **6 de junho de 1985**, fundação do Clube América;

Ano **1985**, também foi o ano da construção da igreja e de um campo de futebol;

Dia **1 de janeiro de 1998**, fundação da delegacia sindical, tendo como eleitos Raimundo Norberto e Maria das Neves;

Dia **8 de outubro de 2005** foi fundada a Associação AAGROCAR, tendo como primeiro presidente, Manoel Modesto Amaral. Uma das primeiras conquistas foi a aprovação para a comunidade do Projeto Minha Casa Minha Vida

Dia **28 de maio de 2005** foi implantada a Pastoral da Criança;

Ainda em **2005** foram criados mais dois clubes, o Paraná e o Imperial;

Em **2009** a comunidade consegue um grupo gerador de energia a diesel.

E no dia **27 de maio de 2009** a inauguração de um novo prédio Escolar Santa Cruz, como uma sala de aula que funcionava como anexa à escola da comunidade de São Francisco.

Em **agosto de 2012**, a comunidade conquistou uma nova escola, já nos padrões do MEC, construída no mandato da Prefeita Maria do Carmo Martins. A partir daí, obedecendo ao sistema de nucleação escolar das escolas do campo, a escola passou a ser anexa à escola Nossa Senhora das Graças.

Em **20 de outubro de 2013** a comunidade reconheceu sua identidade indígena, sendo que no mesmo ano a escola também foi inserida no sistema de educação escolar indígena.

Primeiras famílias de Arapiranga quando a comunidade foi "organizada":

Antônio Alves e Luiza Ferreira

Ronaldo Barroso e Nelma Raimunda

Cecília Matos

Manoel Matos da Silva e Maria

Saturnina Pereira Barroso e Francisco Pereira Barroso

Luiz dos Santos e Sebastiana Ferreira

Geraldo Pinto e Urila Sousa

Raimundo Coelho e Odila dos Santos

Raimundo Barroso e Ana dos Santos

Agostinho Ferreira e Maria de Lurdes

Maria Ferreira e Arinaldo Ferreira



A vida como ela é

ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

A comunidade de Arapiranga está organizada a partir de um conjunto de entidades, que atuam de forma colaborativa dando encaminhamentos às demandas comunitárias, promovendo resoluções de problemas internos e a busca de benefícios para os moradores. Entre estas organizações, estão:

AAGROCAR - Associação Agroextratista dos Moradores de Arapiranga, fundada em 8 de outubro de 2005, atualmente presidida atualmente por Jonilson Pereira da Silva, tem como vice-presidente o senhor Blailson Sousa Guimarães, secretária Dona Maria da Neves, e tesoureiro Laurimar Santos Guimarães.

Conselho Indígena - tem como primeiro cacique Maria das Neves, e segundo cacique Nevaldo Barroso da Costa, e tuchaua Luiz dos Santos.

Delegacia Sindical (STTR) - A delegacia sindical, filiada ao Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Santarém (STTR), tem como delegado o senhor Raimundo Nonato.

Liderança comunitária - o coordenador da comunidade é o senhor Blair dos Santos Guimarães, que faz o diálogo entre todas as outras entidades.

COOPEREX - alguns moradores da comunidade também participam da Cooperativa Extrativista da Resex.

EDUCAÇÃO

A comunidade dispõe da Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Cruz que funciona até a 6ª série, com quatro professores, um educador alimentar e uma auxiliar de secretaria.

A escola de Arapiranga está anexa à escola de Nova Vista, obedecendo ao sistema de nucleação escolar da Secretaria Municipal de Educação de Santarém (Semed).

RELIGIÃO

Arapiranga é predominantemente católica, tendo como padroeira Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Também conta com uma igreja evangélica, a Igreja da Paz.

ESPORTE

Os três times de futebol da comunidade são: o América Futebol Clube, o primeiro fundado, e o único que possui o time feminino, o Paraná Esporte Clube e o Imperial.

ENERGIA

A fonte de energia elétrica na comunidade é o motor de luz a diesel, mas fica quase sempre parado. Nos dias que funciona, é ligado das 6h às 0h. É usado mais em dias de evento comunitário.





SAÚDE, HIGIENE E SANEAMENTO

A comunidade não dispõe de Posto de Saúde. Em casos de doença, os moradores recorrem ao Agente Comunitário de Saúde, que os encaminha para os serviços na cidade de Santarém. Ele é responsável também em realizar campanhas educativas.

O único serviço de saúde que atende diretamente a comunidade é o barco Abarezinho, que realiza visita trimestral, mas os comunitários reclamam que nem sempre atende toda a demanda da comunidade com consultas ou exames, e que algumas vezes chega até a comunidade sem médico disponível.

Para as doenças mais simples, os moradores recorrem à medicina tradicional, usando remédios caseiros de ervas, plantas e óleos, como andiroba, copaíba, arruda, cumarú, paricá, vasourinha, folha grossa, entre outros.

Na área do saneamento, a água de consumo é também uma dificuldade para os moradores de Arapiranga. A comunidade dispõe de um poço comunitário, construído há muito tempo pelo Projeto Saúde e Alegria, através do projeto Saúde na Floresta.

Os moradores demandam com urgência da construção de um Micro Sistema de Abastecimento de Água que beneficie todas as suas famílias.

TRANSPORTE

Para se chegar à Arapiranga ou sair de lá para a cidade, o único meio de transporte é o fluvial. São vários os barcos de linha que passam na comunidade, sendo que os mais utilizados atualmente são o Bratilmar, Michael e Nilson Ricardo. O valor da passagem é de R\$ 30 por pessoa.

ECONOMIA, ATIVIDADES PRODUTIVAS E EXTRATIVISMO

A farinha de mandioca é a principal atividade produtiva da comunidade, tanto para consumo como para venda. Em tempos passados a economia em torno da borracha já foi bastante forte, mas hoje é rara. Algumas famílias, no entanto, ainda produzem a borracha, como também o cumaru e o ucurum.

A maior parte da renda da comunidade vem de programas do governo federal de transferência de renda, sendo que 21 famílias recebem a Bolsa Família, e 18 a Bolsa Verde.

SONHOS E DESAFIOS

São muitos, mas no momento, os moradores sonham em ter acesso a projetos de melhoria da produção, melhorar a renda da comunidade e a ter um micro sistema de abastecimento de água.



Aldeia São Sebastião

Localização

A Aldeia São Sebastião está localizada subindo o rio Arapiuns, na margem direita, entre as comunidades de Nova Sociedade e Arapiranga, nas seguintes coordenadas geográficas S $-02^{\circ} 28' 35,5''$ W $-55^{\circ} 11' 20,1''$.

POPULAÇÃO

A aldeia de São Sebastião conta com 6 famílias e cerca de 70 moradores sendo, 7 homens, 6 mulheres, 4 jovens e 15 crianças.





Um pouco de nossa história

Na década de 1940 o lugar onde se localiza a aldeia São Sebastião já era conhecido por esse nome. Os primeiros moradores foram Cesário Souza da Costa e Merandolina Ribeiro da Costa.

Em 1947 aconteceu uma ocupação em um território vizinho, na época chamado Nazaré. Aos poucos os comunitários de São Sebastião se mudaram para lá, em busca de mais terras, restando apenas três pessoas. Hoje nesse localidade situa-se a comunidade Tucumã.

Entre as poucas pessoas que permaneceram morando em São Sebastião, estavam os avós de Dona Maria Marlice Costa dos Santos, uma enteada e uma filha deles, chamada Diocelia. Quando seus avós faleceram ficaram apenas as mulheres morando no lugar, que mais tarde tiveram abandonaram o lugar deixando apenas uma casinha de palha como segurança do terreno.

Um dia Dona Maria Marlice Costa dos Santos, que era associada da delegacia sindical em Tucumã, juntamente com seu companheiro Adilson, resolveram criar um time de futebol, com o nome Nazaré. No dia que realizaram o primeiro torneio em Tucumã, houve muitos desentendimentos entre os participantes, e quebra de relações entre muitos deles. Eles então decidiram retornar a São Sebastião e mantiveram o nome da comunidade.

Em 2006, o senhor Adilson construiu o primeiro campo de futebol, um dos principais espaços de lazer dos habitantes. Anos depois foi fundado o time São Sebastião, que até hoje representa o esporte local, junto com outros times criados.



Em 2006 a comunidade passou a se auto afirmar indígena, a partir do conhecimento sobre a história de seus antepassados.

Em 2010 foi inaugurada a primeira escola, de nome São Sebastião, tendo como primeira professora, a senhora Orleanne, um grande passo para o desenvolvimento da educação na localidade.



A vida como ela é

ORGANIZAÇÃO SOCIAL

A aldeia de São Sebastião é coordenada pela cacique Maria Marlice Costa dos Santos, de 34 anos. Ainda não há associação comunitária formalizada. Existe um Clube de Futebol, o São Sebastião Futebol Clube. Possui ainda uma delegacia sindical filiada ao Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Santarém (STTR), representada também pela cacique Maria Marlice Costa dos Santos.

ECONOMIA, ATIVIDADES PRODUTIVAS E EXTRATIVISMO

Além da cultura da mandioca, há alguns moradores cultivando cupuaçu, cumaru e seringueiras. A maior fonte de renda ainda é a produção de farinha, onde alguns subprodutos derivados da mandioca dificilmente são comercializados e ficam somente para consumo interno. Na aldeia há 5 pessoas cadastradas no bolsa família e 4 no bolsa verde.

SAÚDE

Não há posto de saúde na aldeia, porém, existe um Agente Comunitário de Saúde – ACS, Everson Cardoso, morador da comunidade de Tucumã que faz o atendimento inicial. Se houver algum caso mais grave, logo o ACS encaminhado para o Hospital Municipal em Santarém. Nos casos menos graves os comunitários têm o conhecimento do uso de remédios caseiros fruto do saber tradicional transmitido de geração a geração.

EDUCAÇÃO

Existe a Escola Municipal de Ensino Fundamental São Sebastião, fundada em 2010, que atende 19 alunos até o 6º ano, no sistema multiseriado de ensino, com apenas uma professora a lecionar.

RELIGIÃO

A aldeia comporta uma igreja católica, cujo padroeiro é São Sebastião e apenas uma família que congrega na Igreja Batista.

ESPORTE E LAZER

Como ponto catalizador da criação de uma nova comunidade, era de se esperar que o esporte favorito dos comunitários fosse o futebol, com a pelada do dia a dia, e alguns torneios promovidos pelo clube local.

ENERGIA

A aldeia São Sebastião não recebe energia elétrica sendo que a única fonte de energia é um gerador que atende 4 famílias por 3 horas todos os dias. O valor pago por cada comunitário é de R\$ 25 mensal. As demais famílias usam a lamparina.

TRANSPORTE

O acesso à Aldeia São Sebastião só pode ser feito através de transporte fluvial. O preço da passagem de São Sebastião até Santarém é R\$ 25, e a viagem dura cerca de 4 horas, nos diversos barcos de linha que atendem o rio Arapiuns, como Bratilmar, Michael, Nilson Ricardo, entre outros.

CULTURA

A cacique da comunidade, Maria Marlice Costa dos Santos, conta neste depoimento um pouco da cultura da sua aldeia:

“Não é muito, mas temos alguma produção de cestas de palha de tucumã. A gente faz mais artesanato de palha, anel de tucumã. Quando chega o tempo de São Sebastião nós fazemos uma brincadeira lá pra não deixar passar todo ano em branco. Fazemos também ritual indígena. Mas não é todo dia. Nos dias festivos ou na prática de puxirum, há a fabricação de bebidas feitas de mandioca, o caxiri e o tarubá. A receita de caxiri é assim: vai na roça, tira a mandioca, descasca, tira a pele né? Depois espreme, tira a tapioca. Aí espreme no tipiti, depois coa a massa na peneira, depois taca o fogo no forno, assa os beijos, coloca numa bacia de pneu, põe a água, rala a batata, mistura tudinho, depois vai esquentar tudinho aquilo e vai coar novamente. Está pronto para beber! Caxiri fica forte só quando azeda. O bom de beber caxiri é quando é feita no mesmo dia. Ela fica doce. Não tão doce.”



Aldeia de Zaire

Localização

Nas belas margens do rio Arapiuns, se estabeleceu a aldeia Zaire, entre as aldeias de Aminã e Arapiranga, na seguinte localização S $02^{\circ} 33' 28,3''$ W $55^{\circ} 14' 19,5''$

POPULAÇÃO

A Aldeia de Zaire conta com 86 pessoas divididas entre 15 famílias sendo que 26 destas são homens adultos, 17 mulheres adultas, 9 jovens e 43 crianças.



Um pouco de nossa história

A fundação da aldeia de Zaire nos mostra, uma interessante história contada por um dos primeiros fundadores da aldeia, Manoel Cardoso, cujo apelido é “jabota”.

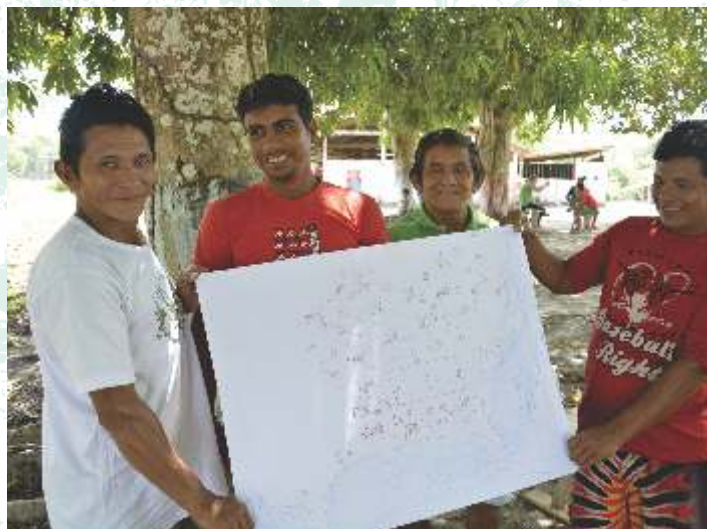
Segundo ele, foi no ano de 2000 o marco de fundação da comunidade. "Foi através do finado tio Lorival, que foi de férias na época de Aminã para pedra-branca que a história começou". Seu Lorival, o tio de seu Manoel convidou-lhe para trabalhar onde hoje é a aldeia de Zaire, pois existia muito espaço para plantar.

Então em 1972 ele veio pela primeira vez, abrindo o roçado. No entanto, foi somente em 1982 que ele fixou residência no local. Daí em diante, outros familiares de seu Manoel passaram a morar perto como sua irmã, o genro e o sobrinho chamado Dinaldo. Primeiro foi fundado o clube de futebol e posteriormente, a comunidade e a associação, como conta seu Manoel. Foi a escolha do nome do clube de futebol, que deu origem ao nome do lugar.

“Ai nos reunimos e escolhemos no mapa mundi um nome para o time. Rodamos o mapa mundi e escolhemos um nome lá. E ai surgiu Zaire. Era um nome pequeno. Tinha tanto nome, mas era muito grande né? Aí do Zaire ficou clube, do clube ficou comunidade, de comunidade ficou associação. Quer dizer, as três coisas ao mesmo tempo assim. Só a escola que mudou um pouquinho que é Nossa Senhora da Saúde, padroeira do Zaire”.

Em 2009 foi fundada a Associação Indígena Tupaiú do Zaire. Hoje ela conta com 18 associados. Manoel Edino Cardoso Carvalho é o atual presidente da associação, e o cacique Francisco Marcelo dos Reis Miranda é o coordenador da aldeia Zaire.





A vida como ela é

ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Existem diversos grupos de organização social atuando dentro da aldeia Zaire, são eles:

Associação comunitária Tupaiú do Zaire – Fundada em 2009, conta com 18 associados sendo o presidente atual o senhor Manoel Edino Cardoso Carvalho;

Associação intercomunitária Nossa Senhora da Saúde – sendo o coordenador da comunidade o cacique Francisco Marcelo dos Reis Miranda;

Uma escola indígena, atendendo 22 alunos até a 5ª série;

Clube esportivo chamado Zaire, com time masculino e feminino;

Igreja católica Nossa Senhora da Saúde;

ECONOMIA, ATIVIDADES PRODUTIVAS E EXTRATIVISMO

A agricultura familiar é a atividade econômica mais importante da aldeia. A mandioca é a cultura de espécie preferida dos comunitários sendo que, além da produção de farinha, que é a mais importante, são produzidos também os seus derivados feitos somente para consumo local.

Os produtos mais consumidos provenientes do extrativismo são a palha, o cumaru e o piquiá. Além de cultivar mandioca, afim de que se produza farinha para venda para Santarém, é vendido também o cumarú.

Além disso, a economia da aldeia gira em torno dos beneficiados por programas governamentais. São 2 aposentados e pensionistas, 11 cadastrados no Bolsa Família, e 11 no Bolsa Verde.

SAÚDE

Não existe saneamento básico em Zaire. O abastecimento de água é direto da fonte, o rio Arapiuns, que geralmente não passa por nenhum tratamento. Isso influencia diretamente na saúde dos comunitários, que convivem com a dificuldade de não haver posto de saúde instalado na comunidade ou nas proximidades. Quando alguém adoece logo é levado para a cidade de Santarém. Porém, quando o caso não é tão grave, é comum o uso de remédios artesanais de origem natural. Há um curandeiro que sempre está disposto a auxiliar quando alguém precisa.

EDUCAÇÃO

Existe uma escola, de nome Nossa Senhora da Saúde que atende 22 alunos até a 5ª série.





RELIGIÃO

A Aldeia do Zaire conta com uma igreja católica, a padroeira é a Nossa Senhora da Saúde. Seu Manoel conta como foi feita a escolha da padroeira: “escolheram tanto de nome, mas aqui na nossa região o padre disse que não pode ter dois padroeiros numa mesma região no caso, né? Rio Arapiuns, né? Iriam colocar São Marcos, só que São Marcos tem aqui no São Miguel. Aí meu irmão tava em Santarém e foi pra Alter do Chão, onde soube que a padroeira de lá é nossa Senhora da Saúde. Aí Nossa Senhora da Saúde ficou”

LAZER

Futebol é um dos esportes mais praticados pelos moradores, afinal, foi através do surgimento do time de futebol do Zaire, que a comunidade ganhou nome. A organização e participação de torneios em comunidades vizinhas são constantes. Há também alguns comunitários que dançam capoeira.

ENERGIA

Em Zaire não existe linha de energia elétrica. A fonte de energia elétrica é de um gerador que atende 6 famílias, todo os dias por 4 horas. O valor pago por cada família é livre. Não há uma taxa definida.

CULTURA

A aldeia de Zaire é rica em histórias de visagens e criaturas fantásticas como o Curupira.

Seu Manoel, uns dos contadores de lendas da Aldeia, nos deu uma breve descrição de alguns fatos que resumiam em uma interação sua com o curupira.

“Tenho uma história pra contar que é de caçada, né? Fui caçar lá pr'u rumo de igarapé-grande, né? Eu caçava só, que eu não gostava de andar arredio com ninguém. Aí eu matei uma Irara. O que é Irara? É um macaco. Aí eu fui embora. Cheguei lá fiz um ramal, eu ia esperar o disparo debaixo de um uxizeiro, mas só que choveu. Aí fiz um ramalzinho assim. Aí quando eu andei lá, dei umas três voltas, mas estava pingando muito a água e o bicho escutava. Aí o veado pulou assim perto de mim, de noite. Aí eu pensei, eu vou dormir. Atei a rede e deitei lá... fiz o fogo... aí quando eu tava naquela madorma, veio um querendo me amarrar. Só sei que eu me acordei gritando assim: aí TU ME AMARRA O QUÊ FELADAPOTA!!! Aí eu me acordei só eu chamando nome lá no mato.” (risos)



Aldeia de Aminã

Localização

A Aldeia de Aminã está localizada na margem direita do rio Arapiuns, entre as aldeias de Aningalzinho e Zaire, na seguinte localização geográfica: S $\rightarrow -02^{\circ}33'48,48''$ W $\rightarrow -55^{\circ}14'17,6''$.

POPULAÇÃO

A aldeia de Aminã é a maior em população deste pólo indígena, composta por 360 pessoas distribuídas em 45 famílias.





Um pouco de nossa história

A fundação da aldeia data de 1971, sendo que o primeiro morador que se tem notícia é o senhor chamado Belém. O senhor José Orlando Cardoso, informante deste histórico, relata: “desde que eu me entendo que o surgimento desta localidade se deu por esta pessoa. Depois ele foi embora que vieram Jorge Cardoso, Antônio Castro, Carmelino, Luiz Ferreira, Pedro Ferreira. Aí se deu o nome de Animã, por causa de uma mina que existia por ali. Pois muitos juntavam chumbo, então pensavam que existia uma mina por ali. Então é por isso que o nome é Aminã”.

Há carência de informações mais detalhadas sobre a presença dessa mina, sobre como ela seria, se era algo natural, pois ali há muito cascalho, ou surgida a partir de algum acontecimento, mas o fato é que ela determinou o nome da comunidade.



A vida como ela é

ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Na comunidade de Aminã existe a ASCUIÃ – Associação das Culturas Indígenas de Aminã, fundada em 2012 e presidida por José Orlando Cardoso, tem hoje 48 associados. A coordenação da aldeia fica a cargo do cacique Mario Cardoso. Há também uma rádio comunitária que funciona aos sábados e domingos, e funciona nos dias da semana de acordo com a necessidade.

Na comunidade também existe uma delegacia sindical, filiada ao Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Santarém - STTR, cuja delegada é a senhora Maria Leonise.

ECONOMIA, ATIVIDADES PRODUTIVAS E EXTRATIVISMO

As atividades de agricultura familiar desenvolvidas na comunidade têm na mandioca a escolha preferida dos comunitários, pois eles a empregam para produzir farinha e outros derivados. Além da agricultura, parte das famílias tem desenvolvido a criação de abelhas sem ferrão para a produção de mel (meliponicultura). Ao todo são dez famílias que produzem aproximadamente 400 litros de mel por safra. Há atividades extrativistas onde se obtêm cipó, leite de súcuba, mel, castanha do Pará, palha, bacaba, uxi, tucumã e piquiã.

Na comunidade, 12 são pensionistas do INSS, 35 são beneficiados pelo programa Bolsa família e 35 pelo Bolsa Verde.

SAUDE E SANEAMENTO

A comunidade conta com microssistema de água que abastece 100% das famílias da aldeia. Não conta com posto de saúde, porém existe um agente comunitário de saúde, Zenilton Cardoso Castro, que atende os moradores da aldeia e de localidades próximas. Existem curandeiras, bezendeiras, parteiras e puchador de desmentidura na aldeia. Os casos mais graves são encaminhados a Santarém. Dos casos menos graves é praticado o uso de remédios caseiros. Também são realizadas campanhas de vacinação.

EDUCAÇÃO

Na Aldeia Aminã funciona uma Escola Municipal de Ensino Fundamental que atende 135 alunos até o 3º ano do ensino médio. É uma das maiores da região do Arapiuns, pois além das salas de aula possui uma quadra esportiva.

RELIGIÃO

Existem duas igrejas na aldeia. Uma é católica cuja padroeira é Nossa Senhora de Aparecida. A outra é evangélica, cujos trabalhos são desenvolvidos pela Igreja da Paz.





LAZER

Seguindo o exemplo das outras aldeias e comunidades próximas, os comunitários de Aminã também são amantes do futebol. O time se chama “Santa Maria Esporte Clube”. Há também alguns que realizam piracaias, lazer recorrente em praticamente todas as comunidades.

ENERGIA

Para o abastecimento de energia, a aldeia conta com um motor/gerador que abastece 25 famílias, todas as noites, de 18 às 22 horas, cujo custo de funcionamento é dividido pelos próprios moradores custando R\$ 15 reais por pessoa.

CULTURA

Nas noites de lua cheia e lua nova, os indígenas da aldeia reproduzem o ritual da etnia Tupaiú. Além disso, Aminã é berço de talentosos músicos. Seu Juvenal Imbiriba é um exemplo. O artista provou seu talento gravando um CD em que relata as belezas, encantos e mistérios da região onde mora. Seu filho, Paulo Jean, segue o mesmo caminho, inclusive, nos descrevendo sua experiência com a música.

“Esse talento, na verdade, é de família. Eu olho “pro” meu pai. Ele que é um artista regional que trabalha através da cultura, é compositor de músicas. Isso beneficia muito a nossa região ribeirinha aqui do nosso povo Arapiuns. E tanto o Arapiuns, Tapajós, como o Brasil todo com certeza sabe do trabalho dele. Eu quero dizer que a música regional traz muitos recursos para nós, pois quando você faz uma música falando de alguma coisa, você mostra que aquela coisa está servindo “pra” você. Tanto “pra” você como “pros” outros vai transmitir o que se passa na sua realidade. Então, através da música podemos ir além. Só um exemplo; Quando você vai numa rádio gravar um CD, assim como meu pai já gravou, você não é ouvido em um só lugar, mas sim em toda região. Ali começa a comunicação das culturas. Se eu não sei da sua, e você não sabe da minha, por lá vai sair alguma coisa que é da tua realidade. Então é isso. A vivência da música traz uma coisa muito importante pr’a nós. A música influencia muitos moradores e com certeza através da música a gente vai levar isso para indígenas, quilombolas, entre outras culturas. E já que estamos falando de talento, talento é isso, a gente tem que mostrar o que sabe. Principalmente na parte cultural, acho que isso irá influenciar muitos jovens, muitas famílias a se aprofundar nessa cultura”.

Um pouco de nossa cultura

MÚSICA

Puxirum da farinha
Juvenal Imbiriba

Vamos fazer farinha vizinha
Vamos fazer farinhada
Para fazer farinha
Tem que ter mandioca n`água
Para fazer farinha vai até de madrugada

(bis)
Fazer farinha não é fácil trabalhar
Tirar mandioca pra poder se descascar
Prepara a maça pra se poder torrar
Antes tira a tapioca pra fazer o tacacá

Pra quem não sabe chega aqui venha aprender
Fazer farinha é como eu vou dizer
Ainda se espreme na base do titipi
Pra tirar o saboroso, que é o nosso tucupi



FICHA TÉCNICA



EQUIPE

Tibério Alloggio / Magnólio de Oliveira /
Carlos Dombroski / Fábio Pena / Natanael
de Sousa / Silvaneí Rodrigues
Lilian Campelo

VOLUNTÁRIO

Pedro Jorge Alcântara

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE

Fernanda Sarmento
Designer Assistente
Débora Alberti

DIAGRAMAÇÃO

Edinelson Nunes

FOTOS

Fábio Pena, Pedro Jorge Alcântara, Lilian
Campelo

IMPRESSÃO

Gráfica Global

TIRAGEM 500 Exemplares

